

Na morte, parecia muito mais velha, menos bonita e, assim, pela primeira vez, plenamente humana.

Vou desaparecer na luz da manhã; eu era apenas uma invenção da escuridão.

E vou deixar-lhe como uma lembrança a afiada rosa escura que arranquei do meio das minhas coxas, como uma flor colocada sobre um túmulo. Sobre um túmulo.

Minha guardiã vai cuidar de tudo.

O Nosferatu sempre cuida de suas próprias exéquias; ela não irá para o cemitério sem auxílio. E agora a velha se materializou, chorando, e fez um gesto vago mandando-o embora. Depois de uma busca em alguns casebres malcheirosos, ele descobriu sua bicicleta e, abandonando suas férias, pedalou diretamente para Bucareste, onde, na posta-restante, encontrou um telegrama convocando-o para se juntar ao seu regimento imediatamente. Muito mais tarde, quando vestia seu uniforme em seus aposentos, descobriu que ainda tinha a rosa da condessa, devia tê-la metido no bolso de sua jaqueta de ciclismo, depois de ter encontrado o corpo dela. Curiosamente, embora a tivesse trazido de tão longe, da Romênia, a flor não parecia estar completamente morta e, num impulso, porque a garota fora tão gentil e sua morte tão inesperada e patética, ele decidiu tentar ressuscitar sua rosa. Encheu o copo que usava para escovar os dentes com a água da garrafa em seu armário e colocou a rosa ali dentro, de modo que sua cabeça atrofiada flutuava na superfície.

Quando voltou, naquela noite, depois de comer, a pesada fragrância das rosas do Conde Nosferatu flutuava pelo corredor de pedra do quartel para cumprimentá-lo, e seus aposentos espartanos estavam tomados pelo odor de uma flor reluzente, aveludada e monstruosa, cujas pétalas tinham recuperado todo o seu antigo viço e elasticidade, o seu corrupto, brilhante e funesto esplendor.

No dia seguinte, seu regimento embarcou para a França.



É um país do norte; o clima é frio, os corações também.

Frio; tempestade; animais selvagens na floresta. É uma vida dura. Suas casas são construídas de toras de madeira, escuras e enfumaçadas por dentro. Há um tosco ícone da virgem atrás de uma vela meio derretida, um pernil de porco pendurado para defumar, uma fileira de cogumelos secando. Uma cama, um banco, uma mesa. Vidas duras, breves e pobres.

Para esses lenhadores dos planaltos, o Diabo é tão real quanto eu e você. Mais real, até; não nos viram, nem sequer sabem que existimos, mas o Diabo eles vislumbram muitas vezes nos cemitérios, aqueles sombrios e tocantes povoados dos mortos, onde as sepulturas são marcadas com retratos do falecido no estilo naif e não há flores para colocar diante deles, não crescem flores por ali, então eles colocam pequenas oferendas votivas, pãezinhos, às vezes um bolo que os ursos vêm se arrastando da margem da floresta para surrupiar. À meia-noite, especialmente na Walpurgisnacht, o Diabo faz piqueniques nos cemitérios e convida as bruxas; eles então desenterram os cadáveres recentes e os comem. Isso é o que qualquer um vai lhe contar.

Grinaldas de alho nas portas mantêm afastados os vampiros. Uma criança de olhos azuis nascida de bunda para a lua na noite de véspera de São João será clarividente. Quando descobrem uma bruxa — alguma velha cujos queijos amadurecem enquanto os de seus vizinhos não, uma outra velha cujo gato preto, oh, tão sinistro!, *segue-a o tempo todo*, eles despem a velha, procuram suas marcas, o mamilo supranumerário em que mama o demônio sob seu comando. Logo o encontram. Em seguida, apedrejam-na até a morte.

Inverno e tempo frio.

Vá visitar sua avó, que andou doente. Leve para ela os bolos de aveia que fiz na pedra da lareira e um potinho de manteiga.

A boa filha faz o que a mãe pede — arrasta-se por oito quilômetros pela floresta; não deixa o caminho por causa dos ursos, do javali, dos lobos famintos. Tome, leve a faca de caça de seu pai; você sabe como usá-la.

A menina tinha um casaco muito velho de pele de ovelha para se proteger do frio, conhecia a floresta bem demais para temê-la, mas precisava estar sempre atenta. Quando ouviu o enregelante uivo de um lobo, pôs no chão os presentes, sacou a faca e se virou para o animal.

Era um lobo enorme, de olhos vermelhos e úmido focinho cinzento; qualquer um, exceto o filho de um morador das montanhas, teria morrido de susto ao vê-lo. Saltou sobre o pescoço dela, como os lobos fazem, mas ela o golpeou, num gesto largo, com a faca de seu pai, e decepou sua pata dianteira direita.

O lobo engoliu um grito, quase num soluço, quando viu o que tinha acontecido com ele; lobos são menos corajosos do que parecem. Foi tropeçando desconsolado por entre as árvores, da melhor maneira possível com três pernas, deixando um rastro de sangue para trás. A menina limpou a lâmina da faca em seu avental, embrulhou a pata do lobo no pano em

que sua mãe tinha guardado os bolos de aveia e seguiu em direção à casa de sua avó. Logo começou a nevar tão pesado que o caminho e quaisquer pegadas, trilhas ou rastros que se poderiam ver antes ali foram tapados.

Ela encontrou sua avó tão doente que tinha se recolhido ao seu leito e caíra num sono inquieto, gemendo e tremendo tanto que a menina achou que ela estava com febre. Pôs a mão em sua testa, estava queimando. Ela sacudiu o pano que trazia na cesta, a fim de usá-lo para fazer uma compressa fria para a velha, e a pata do lobo caiu no chão.

Mas já não era a pata de um lobo. Era uma mão, cortada na altura do pulso, uma mão endurecida pelo trabalho e manchada pela idade avançada. Havia uma aliança no terceiro dedo e uma verruga no indicador. Pela verruga, ela soube que era a mão de sua avó.

Cobriu-a de novo com o lençol, mas a velha acordou com isso e começou a se debater, gritando e berrando como se estivesse possuída. Mas a menina era forte e estava armada com a faca de caça de seu pai; conseguiu manter sua avó deitada por tempo suficiente para ver a causa de sua febre. Havia um coto sangrento no lugar da mão direita, já começando a supurar.

A menina benzeu-se e gritou tão alto que os vizinhos ouviram e vieram correndo. Reconheceram imediatamente a verruga na mão como o mamilo de uma bruxa; escorraçaram a velha, de camisola mesmo, para a neve lá fora, com paus, batendo na sua carcaça velha, até a borda da floresta, e atiraram-lhe pedras até que ela caiu morta.

Agora a menina morava na casa de sua avó; prosperava.



Um animal, e somente um, uiva no bosque à noite.

O lobo é o carnívoro encarnado, e ele é tão astuto quanto feroz; uma vez tendo sentido gosto de carne, nada mais vai servir.

À noite, os olhos dos lobos brilham como velas em chama, amarelados, avermelhados, mas isso é porque as pupilas dos olhos deles engordam na escuridão e captam a luz de sua lanterna, refletindo-a de volta para você — vermelho para o perigo; se os olhos de um lobo refletem apenas o luar, então eles brilham com um verde frio e antinatural, uma cor mineral e penetrante. Se o viajante surpreendido pela noite vislumbra aquelas lantejoulas luminosas e terríveis costuradas de repente nas moitas negras, então ele sabe que deve correr, se o medo não o tiver imobilizado por completo.

Mas aqueles olhos são tudo o que terá condições de vislumbrar dos assassinos da floresta enquanto eles se agrupam de forma invisível em torno do seu cheiro de carne, à medida que você atravessa o bosque tarde demais. Eles serão como sombras, como fantasmas, membros cinzentos de uma congregação de pesadelo; ouça! seu longo uivo oscilante... uma ária de medo tornado audível.

A canção do lobo é o som da laceração que você vai sofrer, a canção em si já criminosa.

É inverno e faz tempo frio. Nesta região de montanha e floresta, os lobos agora não têm nada para comer. As cabras e ovelhas estão trancadas no estábulo, os cervos partiram rumo às pastagens restantes nas encostas ao sul — os lobos ficam magros e esfomeados. Há tão pouca carne neles agora que seria possível contar as costelas famintas através de seu pelo, se eles lhe dessem tempo antes de atacar. Aquelas mandíbulas babando; a língua de fora; a beirada de saliva no focinho cinzento — entre todos os muitos perigos da noite e da floresta, fantasmas, duendes, ogros que assam bebês em grelhas, bruxas que engordam seus prisioneiros em gaiolas para mesas canibais, o lobo é o pior, porque não tem como ouvir a razão.

Você está sempre em perigo na floresta, onde não há pessoas. Passe pelos portais dos grandes pinheiros, onde os ramos felpudos formam um emaranhado ao seu redor, aprisionando o viajante desavisado em redes, como se a própria vegetação estivesse de conluio com os lobos que vivem ali, como se as árvores más fossem pescar para os amigos — passe pelo portão da floresta com muitos temores e precauções infinitas, pois, se acaso se desviar do caminho por um instante, os lobos vão comê-lo. São cinzentos como a fome, são tão indelicados quanto a praga.

As crianças de olhos sérios das aldeias esparsas sempre levam facas quando saem para cuidar dos pequenos rebanhos de cabras que fornecem às casas leite acre e queijos rançosos e bichados. Suas facas têm a metade do seu tamanho, e as lâminas são afiadas diariamente.

Mas os lobos têm maneiras de chegar até junto da sua laireira. Nós tentamos, mas às vezes não conseguimos mantê-los fora. Não há uma única noite de inverno em que os aldeões não temam ver um focinho magro e cinzento farejando por

baixo da porta, e houve uma mulher, certa vez, que foi mordida em sua própria cozinha, enquanto ela coava o macarrão.

Tema o lobo e fuja dele; pois, para piorar, o lobo pode ser mais do que aparenta.

Houve um caçador, certa vez, aqui perto, que aprisionou um lobo num buraco. Esse lobo havia massacrado as ovelhas e cabras; comera um velho louco que vivia sozinho numa cabana no caminho para a montanha e cantava para Jesus o dia inteiro; lançou-se sobre uma menina que cuidava das ovelhas, mas ela fez uma tal comoção que os homens vieram com rifles e o assustaram e tentaram segui-lo pela floresta, mas ele era astuto e os despistou facilmente. Então, um caçador cavou um buraco e colocou um pato dentro, como isca, um pato vivo; e cobriu o buraco com palha untada com esterco de lobo. Quac, quac!, fazia o pato, e um lobo veio se esgueirando da floresta, um lobo grande, pesado, pesava tanto quanto um homem adulto e a palha cedeu debaixo dele — e caiu no buraco. O caçador saltou atrás dele, cortou sua garganta, decepcionou todas as suas patas como troféu.

E então não havia lobo algum diante do caçador, mas o tronco sangrento de um homem, sem cabeça, sem pé, morrendo, morto.

Uma bruxa, mais acima no vale, certa vez transformou todos os convidados de uma festa de casamento em lobos, porque o noivo tinha escolhido outra garota. Ela lhes ordenava que fossem visitá-la à noite por puro ódio, e eles se sentavam e uivavam para ela em torno de sua cabana, uma serenata de sua infelicidade.

Não faz muito tempo, uma jovem mulher na nossa aldeia se casou com um homem, que desapareceu na noite de núpcias. A cama foi feita com lençóis novos e a noiva se deitou nela; o noivo disse que ia sair para fazer suas necessidades, insistiu nisso, por uma questão de decência, e ela puxou o cobertor até o quei-

xo e ficou ali. E ela esperou e esperou e continuou esperando — já fazia muito tempo que ele tinha saído? Até que ela pula na cama e grita ao ouvir um uivo vindo com o vento da floresta.

Aquele uivo prolongado e oscilante tem, apesar de toda a sua ressonância assustadora, alguma tristeza inerente, como se os animais quisessem ser menos bestiais, se soubessem como, e nunca deixassem de lamentar a sua própria condição. Há uma grande melancolia nos cânticos dos lobos, uma melancolia infinita como a floresta, infinita como estas longas noites de inverno e, ainda assim, aquela tristeza medonha, aquele luto por seus próprios apetites irremediáveis, nunca consegue comover o coração, pois não há nele uma frase que sugira a possibilidade de redenção; a graça não poderia vir para o lobo através de seu próprio desespero, somente através de algum mediador externo, de modo que, às vezes, o animal parece quase saudar a faca que o aniquila.

Os irmãos da jovem procuraram nos depósitos e palheiros, mas não encontraram quaisquer vestígios, de modo que a moça, sensata, secou os olhos e arranjou outro marido, que não era demasiado tímido para mijar num penico e que passava as noites dentro de casa. Ela lhe deu um par de lindos bebês e tudo corria às mil maravilhas até que, certa noite gélida, a noite do solstício, a dobradiça do ano, quando as coisas não se encaixam tão bem como deveriam, a noite mais longa, seu primeiro marido voltou para casa.

Uma forte pancada na porta anunciou-o enquanto ela mexia a sopa para o pai de seus filhos, e ela o reconheceu no momento em que levantou a trava, embora fizesse anos desde que usara roupas de luto por ele, e agora ele estivesse em andrajos e seu cabelo caísse pelas costas e não soubesse o que era um pente, fervendo com piolhos.

— Aqui estou eu de novo, senhora — disse ele. — Vá pegar minha tigela de repolho, e não demore.

Então seu segundo marido entrou com lenha para o fogo e, quando o primeiro viu que ela dormira com outro homem e, pior, quando bateu os olhos vermelhos em suas criancinhas, que tinham entrado na cozinha para ver o que era todo aquele barulho, ele gritou:

— Eu gostaria de ser um lobo de novo para ensinar a esta puta uma lição!

Então, ele instantaneamente se tornou um lobo e arrancou o pé esquerdo do filho mais velho antes de ser golpeado com o machado que usavam para rachar lenha. Mas quando o lobo estava sangrando e ofegando em seus últimos instantes, a pele se soltou de novo e ele voltou a ser exatamente como antes, anos atrás, quando tinha fugido de seu leito conjugal, de modo que ela chorou e seu segundo marido bateu nela.

Dizem que há uma pomada que o Diabo lhe dá e que o transforma em lobo no instante em que você a esfrega. Ou que ele nasceu de bunda para a lua e seu pai era um lobo e seu torso é de homem, mas suas pernas e órgãos genitais, de lobo. E ele tem o coração de um lobo.

Sete anos é o tempo de vida natural de um lobisomem, mas, se você queimar sua roupa humana, condena-o à condição de lobo para o resto da vida, então as velhas por aqui acham que traz alguma proteção atirar um chapéu ou um avental para o lobisomem, como se a roupa fizesse o homem. No entanto, pelos olhos, aqueles olhos fosforescentes, você o reconhece em todas as suas formas; os olhos são o que não se altera com a metamorfose.

Antes que possa se tornar um lobo, o licantropo fica completamente nu. Se você divisar um homem nu entre os pinheiros, deve correr como se o Diabo estivesse atrás de você.

O inverno vai pela metade e o pisco-de-peito-vermelho, o amigo do homem, senta-se no cabo da pá do jardineiro e canta. É a pior época em todo o ano para os lobos, mas esta menina obstinada insiste em sair pela floresta. Tem certeza de que as feras não podem lhe fazer mal algum, embora, prevenida, coloque uma faca na cesta que sua mãe preparou com queijos. Há uma garrafa de bebida destilada de frutas silvestres; uma fornada de bolos de aveia assados na pedra da lareira; um pote ou dois de geleia. A menina de cabelos louros levará esses deliciosos presentes para uma avó reclusa e tão velha que o peso de seus anos a está esmagando até provocar sua morte. Vovó mora a duas horas de caminhada pela floresta, no inverno; a menina se envolve em seu xale grosso, passa-o por cima da cabeça. Calça seus robustos sapatos de madeira; está vestida e pronta, e é véspera de Natal. A porta maligna do solstício ainda oscila em suas dobradiças, mas ela recebeu amor demais para chegar a sentir medo.

As crianças não ficam jovens por muito tempo neste país selvagem. Não há brinquedos para brincar, de modo que trabalham duro e aprendem sobre a vida, mas esta, tão bonita, a mais nova de sua família, um pouco temporã, fora algo mimada por sua mãe e pela avó que tricotara o xale vermelho que, hoje, tem o sinistro, ainda que brilhante, aspecto de sangue sobre a neve. Seus seios acabaram de começar a inchar; seu cabelo é como linho, tão claro que mal chega a fazer sombra em sua testa pálida; suas bochechas são de um escarlate e de um branco emblemáticos e ela acaba de começar a ter o sangramento das mulheres, o relógio dentro dela vai soar, daqui por diante, uma vez por mês.

Ela se levanta e se move dentro do pentagrama invisível de sua própria virgindade. Ela é um ovo ainda inteiro; um recipiente selado; tem dentro de si um espaço mágico cuja entrada está bem fechada com um tampão de membrana; ela é um

sistema fechado; não sabe como tremer. Tem sua faca e não tem medo de nada.

Seu pai poderia proibi-la, se estivesse em casa, mas ele está longe, na floresta, juntando madeira, e sua mãe não pode lhe dizer não.

A floresta se fechou sobre ela como um par de mandíbulas.

Há sempre algo para se olhar na floresta, mesmo em pleno inverno — os pássaros amontoados, tendo sucumbido à letargia da estação, trepados em galhos que estalam e desamparados demais para cantar; os babados brilhantes dos cogumelos de inverno nos troncos manchados das árvores; as pegadas cuneiformes de coelhos e cervos, as pegadas em ziguezague das aves, uma lebre tão magra quanto uma fatia fina de bacon correndo pelo caminho onde a minguada luz do sol salpica as moitas avermelhadas das samambaias do ano passado.

Quando ouviu o enregelante uivo de um lobo distante, sua mão treinada saltou para o cabo de sua faca, mas ela não viu nenhum sinal de lobo, nem de um homem nu tampouco, mas em seguida ouviu um barulho no mato, e dali saltou para o caminho um homem completamente vestido, um jovem muito bonito, de casaco verde e com o chapéu de abas largas de um caçador, levando carcaças de aves de caça. Ela já estava com a mão sobre a faca no primeiro farfalhar dos galhos, mas ele riu com um lampejo de dentes brancos quando a viu e fez uma pequena reverência cômica, mas lisonjeira; ela nunca tinha visto um homem tão bem-apeesoado antes, não entre os palhaços rústicos de sua aldeia natal. Assim, seguiram juntos através da luz mais espessa da tarde.

Logo estavam rindo e brincando como velhos amigos. Quando ele se ofereceu para carregar sua cesta, ela a entregou a ele, embora a faca estivesse ali dentro, porque ele lhe disse que seu rifle ia protegê-los. Conforme o dia escurecia, começou a nevar outra vez; ela sentiu os primeiros flocos caírem sobre seus cí-

lios, mas agora faltava menos de um quilômetro para chegar e haveria uma lareira, e chá quente, e uma calorosa recepção, certamente, tanto para o vistoso caçador quanto para ela própria.

Esse jovem tinha um objeto notável no bolso. Era uma bússola. Ela olhou para o pequeno mostrador redondo de vidro na palma da sua mão e observou a agulha oscilando com uma vaga admiração. Ele lhe assegurou que aquela bússola o levaria com segurança através do bosque em sua jornada de caça, porque a agulha sempre lhe dizia com precisão perfeita onde o norte ficava. Ela não acreditou; sabia que nunca deveria deixar o caminho ao atravessar o bosque, ou estaria perdida no mesmo instante. Ele riu para ela novamente; traços reluzentes de saliva se agarravam aos seus dentes. Disse que se saísse do caminho que atravessava a floresta que os cercava, poderia garantir a ela que chegaria à casa de sua avó um bom quarto de hora antes dela, traçando seu caminho através da vegetação rasteira com a bússola, enquanto ela se arrastava pelo caminho mais longo, na trilha sinuosa.

Eu não acredito em você. Além disso, não tem medo dos lobos?

Ele só bateu na coronha reluzente de seu rifle e sorriu.

É uma aposta?, perguntou a ela. Vamos fazer um jogo? O que você me dá se eu chegar à casa da sua avó antes de você?

Do que você gostaria?, ela perguntou, sem ingenuidade.

Um beijo.

Lugares-comuns de uma sedução rústica; ela baixou os olhos e corou.

Ele saiu pelo mato e levou a cesta consigo, mas ela se esqueceu de ter medo dos animais, embora agora a lua estivesse subindo, pois queria se demorar no caminho e garantir que o belo cavalheiro ganharia a aposta.

A casa da avó ficava isolada, um pouco fora da aldeia. A neve que caía soprava em redemoinhos sobre a horta, e o jo-

vem seguiu delicadamente pelo caminho coberto de neve até a porta como se estivesse relutante em molhar os pés, balançando seu feixe de aves mortas e o cesto da menina e cantando uma musiquinha para si mesmo.

Há um leve rastro de sangue em seu queixo; ele andou lançando suas presas.

Bateu na madeira com os nós dos dedos.

Envelhecida e frágil, a avó já sucumbiu três quartos à mortalidade que a dor em seus ossos lhe promete, e está quase pronta para desistir completamente. Um menino veio da aldeia acender-lhe a lareira para a noite uma hora antes, e a cozinha brilha com a luz ondulante do fogo. Ela tem sua Bíblia como companhia, é uma senhora devota. Está apoiada em vários travesseiros na cama, que é embutida na parede ao estilo dos camponeses, e embrulhada na colcha de retalhos que fez antes de se casar, há mais tempo do que se dá ao trabalho de lembrar. Dois cocker spaniels de porcelana, com manchas marrons no pelo e focinhos pretos, estão sentados um de cada lado da lareira. Há um tapete colorido de trapos tecidos sobre os azulejos. O relógio, de pé, conta a erosão do tempo dela.

Vivendo bem, mantemos os lobos afastados.

Ele bateu nos painéis de madeira com os nós cabeludos dos dedos.

É sua neta, imitou, com uma voz alta de soprano.

Levante o trinco e entre, minha querida.

É possível reconhecê-los por seus olhos, olhos de animal de rapina, noturnos, devastadores e vermelhos como uma ferida; você pode atirar nele sua Bíblia e seu avental, vovó; pensou que esse era um modo seguro de se prevenir contra essa praga do inferno... agora chame Cristo e a mãe dele e todos os anjos no céu para protegê-la, mas não vai adiantar de nada.

O focinho feral é cortante como uma faca; ele deixa cair seu fardo dourado de faisão roído sobre a mesa e coloca tam-

bém a cesta de sua querida menina. Ah, meu Deus, o que você fez com ela?

Ele tira o disfarce, aquele casaco de tecido cor de floresta, o chapéu com a pena enfiada na fita; seu cabelo emaranhado escorre sobre a camisa branca e ela pode ver os piolhos se movendo ali. Os gravetos na lareira escorregam e assobiam; é noite, e a floresta entrou na cozinha com a escuridão emaranhada em seus cabelos.

Ele tira a camisa. Sua pele tem a cor e a textura do pergaminho. Uma faixa nítida de cabelo corre pela sua barriga, os mamilos são maduros e escuros como frutas venenosas, mas ele é tão magro que você pode contar suas costelas sob a pele, se ele lhe der tempo. Ele tira as calças e ela pode ver como suas pernas são peludas. Seus órgãos genitais, enormes. Ah!, enormes.

A última coisa que a velha viu no mundo foi um jovem, de olhos como cinzas, nu como uma pedra, aproximando-se de sua cama.

O lobo é o carnívoro encarnado.

Quando ele terminou, lambeu os beiços e rapidamente se vestiu de novo, até estar tal como era quando entrou por sua porta. Queimou o cabelo não comestível na lareira e envolveu os ossos num guardanapo que escondeu debaixo da cama, no baú de madeira em que encontrou um jogo de lençóis limpos. Colocou-os cuidadosamente na cama, substituindo os que estavam manchados e iriam denunciá-lo, e que pôs no cesto de roupa suja. Afofou os travesseiros e sacudiu a colcha de retalhos, pegou a Bíblia do chão, fechou-a e a colocou sobre a mesa. Tudo estava como antes, exceto pelo fato de que a avó tinha sumido. Os gravetos estalavam na lareira, o relógio marcava o tempo e o jovem sentava-se pacientemente, traiçoeiramente, ao lado da cama com a touca da avó.

Toc-toc-toc.

Quem está aí, ele pergunta, com o falsete trêmulo da vovó.

Só a sua neta.

Então ela entrou, trazendo consigo uma lufada de neve que derreteu em lágrimas sobre o piso, e talvez ela estivesse um pouco decepcionada ao ver apenas sua avó sentada ao lado do fogo. Mas então ele atirou longe o cobertor e saltou para a porta, pressionando as costas ali para que ela não pudesse mais sair.

A garota olhou ao redor, na sala, e viu que não havia mesmo a marca de uma cabeça na face suave do travesseiro e que, pela primeira vez a via assim, a Bíblia estava fechada sobre a mesa. O bater do relógio estalava como um chicote. Ela queria pegar a faca de sua cesta, mas não se atrevia a estender a mão para apanhá-la, porque os olhos dele estavam fixos nos seus — olhos enormes, que agora pareciam brilhar com uma luz única, interior, olhos do tamanho de pires, pires cheios de fogo grego, diabólica fosforescência.

Que olhos grandes você tem.

É para melhor poder vê-la.

Nenhum traço da velha, exceto por um tufo de cabelo branco que tinha ficado preso na casca de um pedaço de lenha não queimado. Quando a menina viu aquilo, soube que corria risco de vida.

Onde está minha avó?

Não há mais ninguém aqui além de nós dois, minha querida.

Então ouviu-se um grande uivo ao redor deles, perto, muito perto, tão perto quanto a horta, o uivo de uma multidão de lobos; ela sabia que os piores lobos são peludos por dentro e estremeceu, apesar do xale escarlate que apertou mais contra o corpo como se ele pudesse protegê-la, embora fosse tão vermelho como o sangue que ela ia derramar.

Quem veio para cantar canções de Natal?, ela disse.

Essas são as vozes dos meus irmãos, querida; eu adoro a companhia dos lobos. Olhe pela janela e vai vê-los.

A neve cobria parcialmente a gelosia, e ela abriu-a e olhou para o jardim. Era uma noite branca de lua e neve; a nevasca rodopiava ao redor dos animais magros e cinzentos, agachados sobre os quadris entre as fileiras de repolho, apontando seus focinhos pontiagudos para a lua e uivando como se seu coração fosse se partir. Dez lobos; vinte lobos — tantos lobos que ela não podia contá-los, uivando em concerto como se de mentes ou perturbados. Seus olhos refletiam a luz da cozinha e brilhavam como uma centena de velas.

Está muito frio, pobrezinhos, disse ela; não admira que eles uivem assim.

Ela fechou a janela diante da trenodia dos lobos e tirou o xale escarlate, da cor de papoulas, da cor do sacrifício, da cor de sua menstruação, e, já que o medo não lhe servia de nada, deixou de ter medo.

O que devo fazer com o meu xale?

Jogue no fogo, minha querida. Você não vai mais precisar dele.

Ela embolou o xale e jogou-o nas chamas, que o consumiram instantaneamente. Então ela tirou a blusa por cima da cabeça; seus pequenos seios brilhavam como se a neve tivesse invadido a sala.

O que devo fazer com a minha blusa?

Para o fogo com ela também, meu amorzinho.

A musselina fina subiu em chamas pela chaminé como um pássaro mágico e agora vieram a saia, as meias de lã, os sapatos, todos para o fogo também, e foram destruídos para sempre. A luz do fogo brilhava através das bordas da sua pele; agora ela estava vestida apenas em seu tegumento intocado da carne. Deslumbrante e nua, ela penteou o cabelo com os dedos; seu cabelo parecia branco feito a neve lá fora. Em seguida, foi diretamente para o homem com os olhos vermelhos em cuja cabeleira despenteada os piolhos

se mexiam; ela se levantou na ponta dos pés e desabotoou o colarinho da sua camisa.

Que braços grandes você tem.

É para melhor abraçá-la.

Todos os lobos do mundo uivavam agora um protalâmio lá fora, enquanto ela dava por sua livre vontade o beijo que lhe devia.

Que dentes grandes você tem!

Ela viu como a mandíbula começou a salivar, e a sala se encheu do clamor do *Liebestod* da floresta, mas a menina sábia não se encolheu, mesmo quando ele respondeu:

É para melhor comê-la.

A menina começou a rir; ela sabia que não era comida para ninguém. Riu dele bem na sua cara, arrancou sua camisa por ele e atirou-a no fogo, que rugia mais forte com sua própria roupa descartada. As chamas dançavam como almas mortas na Walpurgisnacht e os velhos ossos debaixo da cama começaram a tremer com um ruído terrível, mas ela não prestou a menor atenção.

O carnívoro encarnado, somente carne imaculada apazigua.

Ela vai repousar a cabeça assustada dele em seu colo e vai tirar os piolhos de seu pelo e talvez coloque os piolhos na boca e os coma, como ele vai lhe pedir, como ela faria numa cerimônia selvagem de casamento.

A nevasca vai passar.

A nevasca passou, deixando as montanhas cobertas aleatoriamente com neve como se uma mulher cega tivesse jogado um lençol sobre elas, os galhos mais altos dos pinheiros da floresta como que tapados com cal, rangendo, inchados com a precipitação.

Luz da neve, luz da lua, uma confusão de pegadas de patas. Tudo em silêncio, tudo quieto.

Meia-noite; o relógio bate. É dia de Natal, aniversário dos lobisomens, a porta do solstício está bem aberta; deixe-os passar por ela.

Veja!, ela dorme tranquila e profundamente na cama da avó, entre as patas do afetuoso lobo.

A LOBA ALICE

